

A adaptação jesuítica no Japão no final do século XVI.

Mário Scigliano Carneiro

Resumo: Esta comunicação apresenta alguns resultados de minha pesquisa, a qual propõe a análise da política de missionação jesuítica no Japão, implementada pelas novas diretrizes do Padre Visitador e Vigário geral da Ásia Alessandro Valignano.¹ Queremos empreender a pesquisa a partir da crônica *Historia de Japam* (1584-1594), onde o padre jesuíta Luis Fróis escreve sobre a história da missão nipônica desde o seu início (1549), até o ano de 1594. A fim de cotejar a crônica deste no mais amplo contexto da política missionária do Visitador, pretende-se também analisar a obra *O Cerimonial* (1583) escrita pelo próprio Valignano com o objetivo de estabelecer sua política missionária. Tratar-se-á, portanto, de tentar avaliar quais seriam as diretrizes que se desprendem a partir da proposta contida no *Cerimonial* e de verificar, enfim, sua implementação, as integrações ou as eventuais diferenciações que podem ser encontradas na visão de Luis Fróis em sua *Historia de Japam*.

Uma pesquisa anterior, que conduzimos em ocasião da Iniciação Científica², tinha em vista a leitura da obra *Historia de Japam* do Pe. Luis Fróis e a posterior análise e comparação entre dois períodos diferentes, segundo quanto relatado em sua crônica sobre a missão jesuíta no Japão: o período anterior e o posterior à chegada do padre Alessandro Valignano e suas novas propostas de conversão. O que pudemos constatar, pela obra de Fróis, é que já havia a realização de uma adaptação cultural no período anterior à chegada do Visitador jesuíta, algo defendido por poucos autores da bibliografia utilizada. A presença de Valignano ocasionou a implantação de uma padronização dessas práticas que muitas vezes eram ignoradas por muitos padres que estavam no Japão. Mas talvez o grande mérito de Valignano (na visão de Fróis) foi seu

¹ Padre Alessandro Valignano, que foi o visitador enviado por Roma e responsável pela efetiva implementação da política de adaptação cultural (1579-1606).

² O trabalho se insere na linha de pesquisa desenvolvida pelos professores que fazem parte do Núcleo “Religião e Evangelização”, do Projeto Temático FAPESP “Dimensões do Império Português”: Adone Agnolin, Marina de Mello e Souza, Maria Cristina Cortez Wissenbach e Carlos Alberto de Moura Zeron. O Núcleo, cujas discussões venho acompanhando desde 2005, tem procurado desvendar os diferentes contextos de tradução e adaptação cultural realizados pelos missionários nas diversas partes do Império português.

projeto de criação do clero nativo, para isso foram fundados colégios e seminários destinados à educação dos futuros padres.

È importante ressaltar que o cristianismo como uma religião de cunho universal, teria que invariavelmente ser aplicável a toda humanidade.³ Para tanto, segundo o professor Adone Agnolin, a comparação das igualdades e das diferenças em escala planetária começa a ser realizada na perspectiva religiosa e missionária.⁴ Tendo a idéia ocidental de civilização como padrão, as culturas dos povos não-europeus passaram a ser separadas por gradações: as mais civilizadas seriam as asiáticas e as menos as americanas.⁵

No começo da Idade Moderna, a missão cruzadística (característica da Idade Média) de libertar o Santo Sepulcro das mãos dos infiéis foi substituída por outra: a do combate ao demônio. Este era visto como responsável por todos os antagonistas encontrados pela igreja católica, sejam os mouros, os heréticos e até as religiões dos povos encontrados nos Novos Mundos. Nesse sentido a identificação da idolatria servia para representá-la enquanto um disfarce do demônio para enganar seus fieis que acreditariam estar cultuando alguma entidade divina. O destino destes era, portanto, de perder sua alma.⁶

Uma das pontas de lança desse combate ao demônio era justamente a Companhia de Jesus. Esta ordem foi fundada por Inácio de Loyola e oficializada em 1540 pela bula *Regimini militantis ecclesiae* do Papa Paulo III, tendo como objetivo propagar a fé cristã no mundo. Por isso, os jesuítas tinham também um voto especial de ir pregar em qualquer lugar do mundo que o papa lhes ordenasse. Mesmo os votos básicos de pobreza, castidade e obediência se caracterizavam por cláusulas especiais, principalmente o voto de pobreza.⁷

O período em que a Companhia de Jesus foi criada é justamente o período de fundação e ascensão do protestantismo e também da resposta católica a ele: o Concílio

³ AGNOLIN, Adone. *Jesuítas e Selvagens: a Negociação da Fé no encontro catequético-ritual dos séculos XVI-XVII*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2007, p. 41-42.

⁴ AGNOLIN, Adone. Antigo e Moderno. In COGGIOLA, Osvaldo. *Caminhos da História*. São Paulo, Editora Xamã, 2006, p. 107-122.

⁵ AGNOLIN. *Jesuítas e Selvagens*. Op. cit, p. 444-452.

⁶ Ibidem, p. 158.

⁷ O'MALLEY, John. *Os Primeiros Jesuítas*. São Leopoldo. Editora Unisinos, 2004, p. 21-23.

de Trento. Este Concílio se efetivou em uma série de reuniões realizadas entre 1545 e 1563, destacando-se com relação a algumas preocupações principais como a reconquista dos territórios perdidos para a igreja protestante e o maior controle de seus territórios para impedir a circulação das idéias da Reforma. O que não significa que as decisões extraídas dessas reuniões não influenciassem a política catequética extra-européia.⁸

Nesse contexto, a formação do missionário, independente se ele fosse enviado para dentro ou fora da Europa, era marcada por um caráter extremamente cosmopolita. Dentro da Europa, os locais que apresentavam minoria católica foram estudados para descobrir métodos para atrair os não-católicos e conter o avanço da Reforma. Para efetuar o processo de aculturação e de conquista espiritual, a mobilidade do missionário foi extremamente necessária, pois graças a ela que o missionário pôde representar a ponta de lança da cultura ocidental em lugares longínquos e foi, também, por meio dele que se fizeram as primeiras experiências que levaram à conclusão da necessidade de se adaptar à cultura local para poder converter as populações.⁹

A ida dos missionários jesuítas às diferentes partes do mundo acompanhou a expansão do Império Português através dos mares. Isso ocorreu devido à política do Padroado português que seria basicamente uma combinação de direitos e deveres concedidos à Coroa portuguesa pelo Papa. Dentre estes se destaca o fato de Portugal se tornar patrono das missões e das instituições eclesiásticas nas terras longínquas que alcançou.¹⁰

A Missão Japonesa foi iniciada em 1549, com a chegada do padre jesuíta Francisco Xavier em Kagoshima, na região de Kyushu. Sua chegada coincide com o período do Sengoku-jidai (guerra civil) onde o poder estava nas mãos dos numerosos Daimyo, fazendo do Japão praticamente uma colcha de retalhos.¹¹ As duas figuras que deveriam ter a função centralizadora, o Imperador (Tennô - senhor do paraíso) e o Shogun (Generalíssimo) acabavam sendo autoridades simbólicas, não tendo

⁸ AGNOLIN, *Jesuítas e Selvagens*. Op. cit, p. 135-137.

⁹ Veja-se sobretudo, a esse respeito, a obra de PROSPERI, Adriano. *Tribunali della Coscienza: inquisitori, confessori, missionari*, Giulio Einaudi Editore, 1996, principalmente no que tange a quanto destacado em AGNOLIN, *Jesuítas e Selvagens*, p. 137-139.

¹⁰ BOXER, Charles. *O Império Marítimo Português 1415-1825*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, p. 243.

¹¹ BOXER, Charles. *The Christian Century in Japan*. Manchester; Inglaterra: Carcanet Press Limited, 1993, p. 43.

efetivamente nenhum poder.¹² Em sua obra *The Western World and Japan* de 1950, George Samson afirma que o período da guerra civil foi extremamente propício para a chegada dos missionários jesuítas, pois assim puderam tirar vantagem da desunião da elite nipônica se aliando a determinados grupos em detrimento de outros. O calculado apoio jesuítico aos senhores locais e sua aliança com o comércio e as armas portuguesas criaram grandes vantagens para quem obtinha o favor dos missionários.¹³

Para Charles Boxer, o principal fator de crescimento do catolicismo foi a relação entre os missionários e o comércio local. No fim do século XIV, o governo chinês proibiu qualquer tipo de comércio com os japoneses devido aos constantes ataques dos Wakô, os piratas japoneses.¹⁴ No século XVI com a presença portuguesa na região, a intermediação entre China e Japão passou a ser feita pela Nau do Trato.¹⁵ Os portugueses tinham acesso, também, ao importante mercado chinês de seda, que era revendida no Japão.

Os jesuítas atuavam como intermediários nos contatos entre os comerciantes portugueses e os nobres japoneses, sendo que já havia o prévio acerto da Nau do Trato ir somente para feudos onde houvesse jesuítas. Conseqüentemente, os senhores feudais da região de Kyushu competiam entre si para atrair a Nau do Trato aos seus feudos durante sua visita anual: assim acabavam também disputando a presença dos jesuítas em suas terras

Mesmo sendo contra a atuação dessa política, o Geral da Ordem acabou convencido de que o comércio seria provisório e necessário para a cristianização dos japoneses e a proteção dos padres.¹⁶ Tanto Boxer, quanto Jurgis Elisonas, concordam que a conversão em Kyushu era feita pela intermediação dos jesuítas entre os senhores feudais e os mercadores portugueses. O interesse comercial desses senhores acabava sendo usado como facilitador da conversão e quando os senhores não eram convertidos,

¹² Ibidem, p. 42.

¹³ SANSOM, George. *The Western World in Japan - A Study in the Interaction of European and Asiatic Cultures*. Tokyo. Charles E. Tuttle Company, 1977, p. 109.

¹⁴ BOXER. *The Christian Century*, p. 7-8.

¹⁵ A Nau do Trato era a embarcação portuguesa que fazia a viagem de Goa a Nagasaki todo ano. Outro termo utilizado para nomeá-la é Navio Negro, traduzido do japonês “Kurofuné”.

¹⁶ Ibidem, p. 91-102.

pelo menos davam aos jesuítas a permissão para converter a população de seu feudo.¹⁷ Para Elisonas, outro importante fator do crescimento do catolicismo, que encontramos intrinsecamente ligado ao contexto da guerra civil, é o apoio militar português aos Daimyo.¹⁸

Em 1559, com o prestígio de um Daimyo aliado (Otomo), os padres foram oficialmente apresentados à aristocracia da capital Kyoto¹⁹ e dessa forma, os missionários se aproximaram do primeiro artífice da unificação japonesa, Oda Nobunaga. Os laços foram estreitados em decorrência do compartilhamento de um inimigo comum: os monges budistas que apoiavam com frequência os senhores feudais que se opusessem aos cristãos.²⁰ Nobunaga passou a ser um importante apoio da missão jesuítica, apesar de alguns seus aliados tentarem dissuadi-lo, afirmando que os missionários eram perigosos para a paz pública.²¹ Oda também chegou a carregar um rosário em seu pescoço e, segundo os relatos jesuítas, esteve próximo a se converter, o que encorajou muitos outros samurais a se encaminharem para a conversão.²² Conseqüentemente, oferecendo seu apoio à missão jesuítica, Nobunaga empreendeu e continuou sua expansão no território, até ser morto, em 1582, por um de seus generais, Akechi Mitsuhide. Depois de morto, foi substituído por outro de seus generais, Toyotomi Hideyoshi, que, de fato, continuou seu plano da unificação japonesa.²³

Jurgis Elisonas afirma que sob o controle do Padre Gaspar Coelho (1581-1590), o Vice-provincial, a missão jesuítica tinha uma atuação mais política e militar, sendo responsável até por convencer Toyotomi Hideyoshi a invadir o Kyushu, cuja cristandade se via ameaçada pelo crescente poderio do feudo de Satsuma. O objetivo de Coelho era de constituir em Kyushu uma liga católica com os Daimyo cristãos: contudo

¹⁷ ELISONAS, Jurgis. Christianity and the Daimyo. In HALL, John. *The Cambridge history of Japan. Volume 4*. Nova Iorque, EUA: Cambridge University Press, 1991, p. 321-322.

¹⁸ ELISONAS. *Christianity and the Daimyo*, op. cit., p. 327.

¹⁹ *Ibidem*, p. 318.

²⁰ BOXER. *The Christian Century in Japan*. Op. cit., p. 64.

²¹ ELISONAS. *Christianity and the Daimyo*. Op. cit., p. 331.

²² SAMSOM. *The Western World and Japan. - A Study in the Interaction of European and Asiatic Cultures*. Tokyo. Charles E. Tuttle Company, 1977, p. 126.

²³ BOXER. *The Christian Century in Japan*. Op.cit., p. 71-72.

Valignano era contrario a essa política, acreditando que a interferência na política local deveria ser a menor possível.²⁴

Finalmente, teria sido essa constante interferência na política local que ocasionou a primeira proibição do cristianismo no Japão, em 1587. De fato, Toyotomi comparou os cristãos aos monges budistas enfrentados por seu antecessor, Oda Nobunaga.²⁵ De qualquer maneira, as estreitas relações entre o comércio e os missionários evitaram que estes fossem expulsos quando foi promulgado o edito de proibição. Temia-se que a expulsão dos missionários ocasionasse o fim do comércio com os portugueses.²⁶

Mais um fato importante, com relação à missionação jesuíta no Japão, foi que a União das Coroas Ibéricas em 1580, quebrou o monopólio jesuíta naquela região, visto que frades das ordens mendicantes apoiados pelos espanhóis passaram a ir para lá a partir da década de 1590. Isso não só era um problema para os jesuítas, como também um risco para todo o catolicismo no Japão: os mendicantes tinham outros métodos de conversão. Encaravam os japoneses como inferiores e, ao contrário dos jesuítas, não tentavam se adaptar à sua cultura. Eles só foram bem recebidos, porque o governo japonês tinha esperança de comercializar com um novo país, a Espanha. Outro dado importante: os frades espanhóis, ao contrário dos jesuítas sob jurisdição do Padroado português, queriam converter primeiro a população mais humilde e as baixas hierarquias. Por isso criticavam o elitismo jesuíta e o comércio ligado a seus interesses, passando a considerar os samurais convertidos como gananciosos e não como fiéis.²⁷

Em seu livro publicado em 1951, *The Christian Century in Japan*, Charles Boxer aponta como, no Japão, a partir de 1580, inicia-se uma nova fase na missão jesuítica, representada pela atuação do padre Alessandro Valignano (1539-1606), cujo principal objetivo foi estimular a criação de um clero nativo para a missão japonesa tornar-se auto-sustentável.²⁸ Valignano fora enviado pelo Geral da Ordem como Padre Visitador e também Vigário Geral da Ásia. Boxer afirma que o Japão era um dos

²⁴ Ibidem, p. 99.

²⁵ ELISONAS. *Christianity and the Daimyo*. Op.cit., p. 351-352.

²⁶ BOXER. *The Christian Century in Japan*. Op. cit., p.102.

²⁷ Ibidem, p. 155-161.

²⁸ Ibidem, p. 73.

poucos países que realmente poderia cumprir essa expectativa, sendo considerado a “Roma do Extremo Oriente”.²⁹ Apesar das dificuldades impostas pelas hierarquias eclesiásticas, a primeira década do século XVII viu, de fato, o aparecimento dos primeiros padres japoneses formados localmente.³⁰

O historiador Adriano Prosperi observou, por sua vez, que no Extremo Oriente, ao contrário do que ocorreu na América, os missionários teriam se valido de métodos mais pedagógicos para a catequização das populações. O estudioso assinala a grande polêmica em torno dos métodos de conversão, consubstanciada nas posições antagônicas do Padre Alessandro Valignano e do Padre Francisco Cabral (1528-1609).³¹ Este último era o superior da Ordem no Japão, tendo sido substituído, na década de 1580, por Gaspar Coelho (1531-1590). Cabral desprezava a cultura japonesa, era contrário à criação de um clero nativo, achava que o aprendizado dos japoneses deveria apenas se limitar ao latim e temia que o conhecimento da doutrina religiosa acabasse ocasionando a divisão do catolicismo japonês em várias seitas hereges.³²

Conforme a opinião do padre visitador, todavia, era necessário “conquistar a autoridade” e para isso era preciso adaptar-se ao modelo da cultura local. Ele advogava a necessidade de converter as elites, prioritariamente. Outra estratégia adotada foi a de criar colégios para os filhos da classe dominante. Com relação às práticas religiosas, os padres passaram a adotar, então, certos costumes próprios da cultura budista, chegando a ponto das missas serem rezadas em estilo “Zen” através da meditação. Os padres começaram a freqüentar as Cerimônias do Chá, observando atentamente às regras de etiqueta japonesa e evitando, a todo o custo, as descortesias.³³

As diretrizes para a adaptação aos modelos culturais nipônicos, segundo a sugestão de Valignano, foram escritas em um livro de regras que serviu para a uniformização da política de conversão naquela região: *O Cerimonial*, como é conhecido, que é um dos documentos que pretendemos analisar nessa pesquisa. Quando este livro chegou à Europa causou certo escândalo ao Geral da Ordem que, por um

²⁹ Ibidem, p. 187.

³⁰ Ibidem, p. 90.

³¹ PROSPERI, Adriano. O Missionário. In VILARI, Rosário. *O Homem Barroco*. Lisboa : Presença, 1995, p. 151-152.

³² BOXER. *The Christian Century in Japan*. Op. cit., p. 86.

³³ PROSPERI. *O Missionário*. Op.cit, p. 156-166.

tempo, passou a acreditar que seria melhor retornar à pregação religiosa, exaltando os heróis da fé sem se adaptar ao “outro”, mas por fim a utilização do livro foi aprovada e entrou em vigor no ano de 1592.

Finalmente, a análise do conturbado percurso e da complexa e difícil construção da nova estratégia missionária aponta como que o retorno aos antigos métodos de pregação religiosa na Ásia se revelou, aos poucos, um método ilusório. Em lugares onde a hegemonia cultural e a supremacia militar não estivessem do lado dos europeus, pareceu emergir o fato de que a única opção era insistir na política de adaptação. Primeiro era preciso integrar-se às elites para, depois, ter a oportunidade de converter a população.³⁴

Para defender seu projeto de catequização, Valignano respondeu às críticas de seus superiores citando a *Carta aos Coríntios* do apóstolo Paulo³⁵ pois este afirma a necessidade do pregador em se adaptar “a seus interlocutores para levá-los a Cristo”. Além dessa explicação bíblica é importante ressaltar que a “flexibilização do indivíduo” era uma questão de grande importância na época. Segundo Norbert Elias, no próprio contexto europeu, a nova extensão dos deveres do indivíduo em relação à sociedade desenvolveu uma nova noção de personalidade que insistia na capacidade de adaptação e flexibilidade em relação aos outros indivíduos.³⁶

A partir de 1581, o visitador Valignano passou enfim, a implementar o projeto de formação de um clero nativo. A necessidade de estimular um clero nipônico veio da constatação de que os japoneses, enquanto “povo orgulhoso e beligerante”, não tolerariam ser controlados por estrangeiros, portanto, seria preciso que tanto os japoneses, quanto os europeus fossem considerados pelo menos, com o mesmo grau de importância e dignidade social. O que não acontecia de fato, pois somente os europeus ocupavam posições de liderança dentro da missão, enquanto que os japoneses teriam alcançado no máximo a categoria de “irmão laico”.³⁷

O autor do outro documento a ser utilizado nesta pesquisa é o padre jesuíta Luis Fróis que, pela sua reconhecida habilidade na escrita, foi designado pelo Geral da

³⁴ Ibidem, p. 152-159.

³⁵ Ibidem, p. 158.

³⁶ ELIAS. *Apud* AGNOLIN. *Jesuítas e Selvagens*. Op.cit, p. 226

³⁷ BOXER. *The Christian Century in Japan*. Op.cit., p. 218.

Ordem para redigir a história da missão jesuíta em 1584. Assim, entre os anos de 1584 e 1594, Fróis escreveu sua *Historia do Japam*, valendo-se de suas experiências pessoais e de relatos dos demais membros de sua Ordem. Utilizou também, como fonte de pesquisa, as cartas ânuas e outros documentos que circulavam internamente à Companhia. Suas viagens pelo Japão, acompanhando o Vice-provincial Gaspar Coelho em 1586, foram também essenciais para coleta de material informativo.³⁸

Contudo, um dos principais críticos de sua obra foi seu próprio superior, o padre Alessandro Valignano. O visitador afirmava que as cartas ânuas de Fróis eram prolixas e que o autor não tinha a menor preocupação em verificar a veracidade das informações apresentadas. Valignano chegou a ponto de cortar trechos dessas cartas e de inserir informações de outros cronistas, interferência que Fróis desconheceu.

Aprofundando um pouco o debate sobre a política de adaptação, a posição de Charles Boxer, se comparada com a de Prosperi, sustenta de forma diferente que a política de assimilação da cultura local já era presente desde os primórdios da missão, quando esta era encabeçada por Francisco Xavier, e, portanto, anteriormente à chegada de Valignano. Contudo, o padre Francisco Xavier havia iniciado o seu proselitismo adotando práticas que eram utilizadas pelos franciscanos, envolvendo a demonstração explícita das virtudes da pobreza, caridade e humildade. Tais práticas, portanto, não teriam sido eficazes para conquistar as elites locais, uma vez que os aristocratas nipônicos valorizavam o uso da pompa, dos ritos de etiqueta e a demonstração de refinamento, inclusive na aparência. Nos rituais de hospitalidade era imprescindível oferecer presentes e dádivas especiais aos Daimyos.³⁹

No artigo *The context of Syllabus error* de 2000, também Jurgis Elisonas considera que a primeira década da missão jesuítica foi marcada por uma política muito

³⁸ WICKI, José, S.J. *Introdução*. In: FRÓIS, Luis. *Historia de Japam*. 1ª Ed. Lisboa. Biblioteca Nacional de Lisboa. 1976-1984, p. 11-26.

³⁹ BOXER. *Christian Century*. Op. cit., p. 210. Vale ressaltar, a esse respeito, que justamente em seu *Tratado em que se contem muito sucinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes entre a gente de Europa e esta província de Japão...*, o padre Luis Fróis afirma que, ao contrário dos europeus, entre os japoneses era costume levar presentes a seu anfitrião durante uma visita. Cf. FROIS, Luis. *Europa/Japão Um dialogo civilizacional*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1993, p. 167. Cf: BOURDON, Leon. *La Compagnie de Jésus et le Japon*. Lisbonne; Paris: Fondation Calouste Gulbenkian: Commission nationale pour les commémorations des découvertes portugaises, 1993. XAVIER, Francisco. *Lettere istoriche*. Ascoli: L. Cardi, 1828. (2 volumes). XAVIER, Francisco. *Lettres de Saint François Xavier: apôtre et des Indes et du Japon*. Bruxelles: Société Nationale pour la propagation des Bons Livres, 1838. (2 volumes).

parecida com a das ordens mendicantes, ou seja, de total dedicação e assistência aos pobres, materializada na fundação de um hospital e um leprosário. Tal estratégia teria mudado quando os jesuítas se aproximaram do Xintoísmo, uma das religiões tradicionais praticadas pela elite japonesa. O Xintoísmo apresentava uma série de restrições ao convívio com os pobres, doentes em geral (principalmente leprosos) e mortos. O contato com os pobres e doentes impedia os fiéis de frequentarem os templos por um determinado tempo, havendo necessidade de rituais para purificação.⁴⁰ Segundo Elisonas, a etiqueta nipônica não via com bons olhos o convívio e muito menos a caridade com os menos afortunados.⁴¹ Essa conduta japonesa passou a ser incorporada aos métodos de aproximação entre os jesuítas e os aristocratas, principalmente após a chegada de Valignano, causando grande escândalo ao Geral da Ordem Cláudio Acquaviva (1543-1615).⁴²

Bibliografia:

AGNOLIN, Adone. *Jesuítas e Selvagens: a Negociação da Fé no encontro catequético-ritual dos séculos XVI-XVII*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2007.

AGNOLIN, Adone. Antigo e Moderno. In COGGIOLA, Osvaldo. *Caminhos da História*. São Paulo, Editora Xamã, 2006.

O'MALLEY, John. *Os Primeiros Jesuítas*. São Leopoldo. Editora Unisinos, 2004

BOXER, Charles. *O Império Marítimo Português 1415-1825*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

BOXER, Charles. *The Christian Century in Japan*. Manchester; Inglaterra: Carcanet Press Limited, 1993.

SANSOM, George. *The Western World in Japan - A Study in the Interaction of European and Asiatic Cultures*. Tokyo. Charles E. Tuttle Company, 1977.

ELISONAS, Jurgis. Christianity and the Daimyo. In HALL, John. *The Cambridge history of Japan. Volume 4*. Nova Iorque, EUA: Cambridge University Press, 1991.

⁴⁰ A idéia de pureza e impureza é de fundamental importância para o Shintoísmo. Quando o homem está impuro ele se encontra em um estado chamado tsumi: essa impureza ritual o afasta do convívio com os outros homens e com os deuses. A purificação se dá através de uma lavagem ritual. RAVERI, Massimo. *Índia e Extremo Oriente: via da libertação e da imortalidade*. São Paulo, Editora Hedra, 2005, p. 194.

⁴¹ ELISONAS, Jurgis. *The Jesuits, The Devil, and Pollution in Japan: The context of Syllabus error*. In COSTA, João Paulo Oliveira e. *Bulletin of Portuguese Japanese Studies*. Lisboa, Portugal: Universidade Nova de Lisboa, 2000, p. 23-25.

⁴² PROSPERI. *O Missionário*, Op. cit., p. 157.

SAMSOM. *The Western World and Japan. - A Study in the Interaction of European and Asiatic Cultures*. Tokyo. Charles E. Tuttle Company, 1977.

PROSPERI, Adriano. O Missionário. In VILARI, Rosário. *O Homem Barroco*. Lisboa : Presença, 1995.

WICKI, José, S.J. *Introdução*. In: FRÓIS, Luis. *Historia de Japam*. 1ª Ed. Lisboa. Biblioteca Nacional de Lisboa. 1976-1984.

ELISONAS, Jurgis. *The Jesuits, The Devil, and Pollution in Japan: The context of Syllabus error*. In COSTA, João Paulo Oliveira e. *Bulletin of Portuguese Japanese Studies*. Lisboa, Portugal: Universidade Nova de Lisboa, 2000.